

CRASE

#18

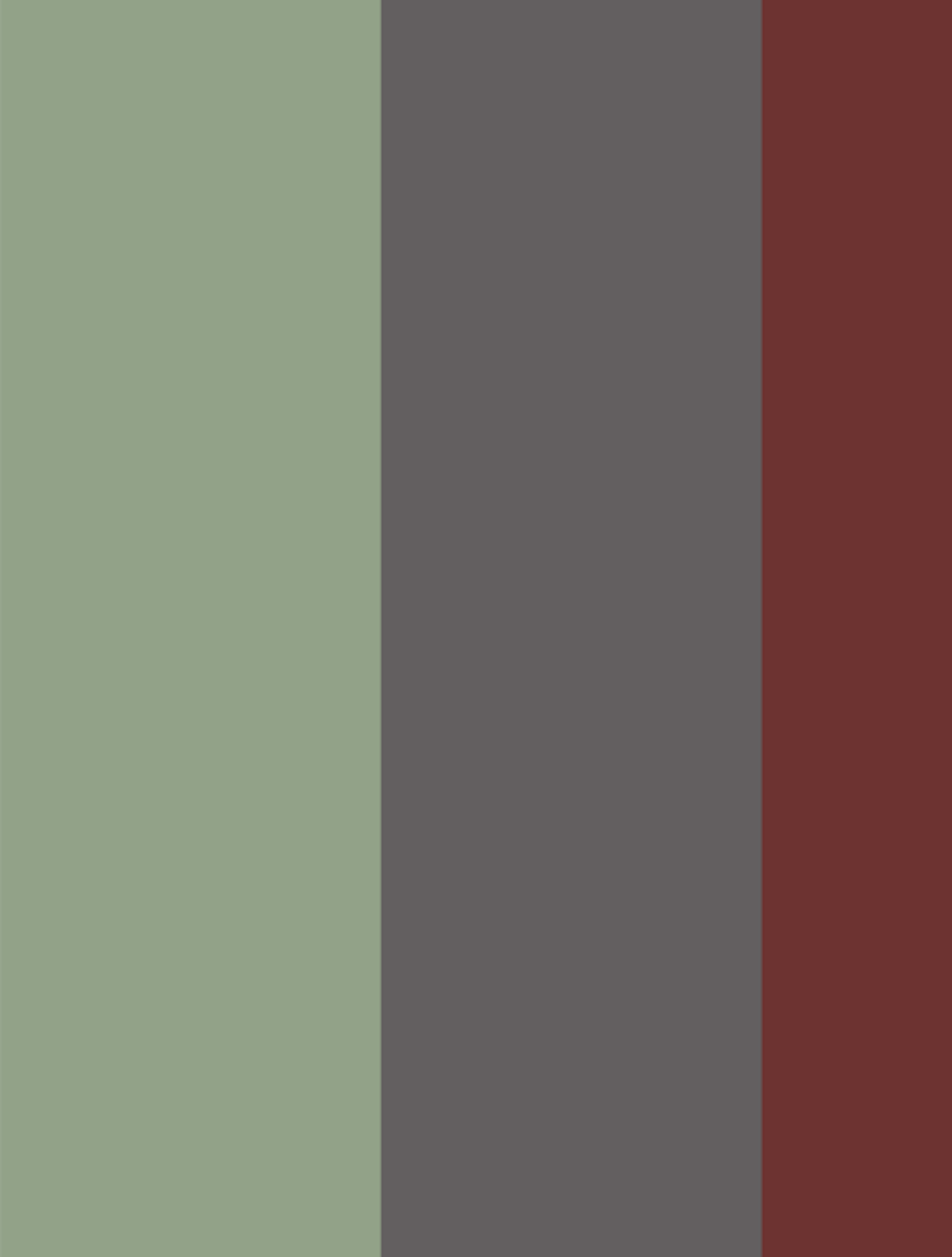
Janeiro - 2012

Ano 2 - 18ª Edição - Janeiro - 2012

A Fábrica de Al Capones

*E a criminalização do
usuário de drogas*





Tudo tem um início, **mas nada começa sozinho.**

índice

Escolha e clique na matéria desejada.

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Adaptação** *literária*

O mercado da adaptação.

p. 16 **MISSÃO** *(quase)* **IMPOSSÍVEL**

Onde encontrar livros de teatro em São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

p. 20 ***A Fábrica de Al Capones***

E a criminalização do usuário de drogas.

p. 28 A SOCIEDADE DO PROTESTO

Rebeldia online, a individualização do sonho.

p. 34 **Dinossauros** *ou apenas fósseis?*

O mesmo bom e velho rock n roll.

p. 38 **CRASE** Anabela Serpa

CONVIDA

A professora e tradutora fala sobre a sua experiência de viver no Rio de Janeiro.

REVISTA
CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Amanda Guerra, Bruno Buhr,
Cadu Senra, Clarissa Affonseca,
Leandro Bertholini, Patricia Teles, Vinícius Baião
Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

FOTOGRAFIA

Fotógrafos: Caio Pagin, Diego Val,
James Donahue

INTERNET

Programador: Dans Souza

CAPA

Arte: Rowdy Swim e Dans Souza



Editorial

Começo de ano é algo lindo, não é? Nada aconteceu ainda – tirando a ressaca moral resultante do Réveillon e, tudo - ou quase tudo - são possibilidades. Como se renascêssemos para uma nova vida. Mentira, isso é tudo uma peça que pregamos em nós mesmos para nos enganarmos acreditando que o ano que se inicia será diferente, maior, melhor, sarado, bem dotado, com dinheiro e casa em Miami. Mas não quero fazer chover no carnaval de vocês. Não muito.

De acordo com Einstein, “loucura é ter as mesmas atitudes esperando resultados diferentes”. Partindo desta premissa, somos todos loucos, de uma forma ou de outra, em algum momento de nossas vidas. No entanto, deixarei minha misantropia de lado, no cantinho, de castigo.

Ano novo também é sinônimo de esperança. Olhamos para frente e vemos um período longo e indeterminado, quando todos os nossos anseios podem ser saciados. O mundo volta a ser nosso e só

precisamos agarrar as possibilidades às quais somos apresentados.

Com esse espírito esperançoso e revolucionário, decidimos polemizar um pouco mais neste mês, trazendo um assunto deveras contraditório e estigmatizado na capa. Drogas (pausa para o suspense).

É fato que a opinião pública sempre esteve dividida entre legalizar, regulamentar e deixar como está, mas a verdadeira discussão corre muito mais funda, então ainda há necessidade de informar o que é exatamente legalizar e/ou regulamentar. A população conservadora não está errada em se preocupar, mas a questão é muito maior do que apenas “utilizar a droga ou não”. O que esperar do futuro desta interminável discussão?

E por falar em futuro, nosso querido Leonardo Alves de Lima debuta como redator da Crase, em um texto no mínimo delicioso de ler sobre ativismo de poltrona. Mas não desesperem! Continuarei a escrever. No entanto, agora temos mais uma brilhante cabeça como parte da hidra cultural que é nossa redação.

Um maravilhoso começo de ano para todos!

Rafael Farah

Adaptação *literária*

por Amanda Guerra

A definição de literatura é nebulosa por si só. Mas sem objetivar uma discussão muito profunda sobre o tema, entenda-se a literatura apenas como um conjunto de produção intelectual e criativa humana transposta pela forma escrita. Desde que, claro, tenha uma vocação estética, seja qual for.

Quando um texto considerado literário é adaptado para outras mídias – cinema, música, quadrinhos, entre outras – perde a essência natural de passar a mensagem por meio de palavras. Ora, mas não teria como ser diferente. Uma vez acrescentadas outras

formas de apelo que não a linguagem verbal pura, a forma de entendimento passa automaticamente a ser outra. Isso é uma lógica simples. O que falta entrar no consenso popular é que diferente não quer dizer melhor ou pior. Mesmo.

“...Carlos Lima ministra também oficinas de poesia com seus alunos na UERJ.”

O que acontece na prática, é que todo mundo entra em contato com adaptações da vida real o tempo todo e não

se dá conta. Uma vez que uma notícia, um relato histórico ou uma fofoca são contados, há de se saber que o fato em si já foi filtrado pela vivência do narrador. Mais do que isso: quando o sujeito vive uma situação qualquer, deveria entender que sua versão desta vivência nada mais é do que apenas uma versão.

Até aí é estranho, mas compreensível. Complicado fica quando se entra no ramo da literatura. A esta altura os ativistas do movimento Modernista se reviram no túmulo ao imaginar como não ensinaram nada para

a sociedade. As pessoas ainda têm o mesmo pensamento retrógrado de que a literatura é uma arte sagrada que deveria ser imaculada e protegida.

O que deveria ser entendido, é que numa adaptação, não vai ser encontrada a forma já consagrada do autor da obra. Mas uma vez que o adaptador seja competente, pode abrir um leque de novas possibilidades à interpretação do receptor. E já que não será possível ter exata noção da intenção do autor original, toda nova versão pode expandir a mente de quem ousar tentar.



Uma adaptação pode, mais facilmente, auxiliar o processo de coautoria do leitor, uma vez que este tem a consciência de que está lidando com uma nova versão dos fatos. Desta forma, ele se sente mais encorajado a acrescentar suas

vivências naquela leitura e criar sua própria versão. Dentro de uma adaptação gráfica, por exemplo, filmes ou quadrinhos, mais importante do que os elementos que são inseridos são os elementos faltosos. Nas lacunas de informação é que

este processo de coautoria vai ser viabilizado e até mesmo estimulado.

Desta forma, percebe-se que a adapta-

ção literária é um ótimo caminho para leitores iniciantes e, no mínimo, um exercício de criatividade e reflexão para os mais experientes. ■

Recomendações de adaptações:



HQ

A Metamorfose

Franz Kafka

Adaptado por Peter Kuper



Filme

Ensaio sobre a cegueira

Saramago

Adaptação por Fernando Meirelles





MISSÃO

(quase)

IMPOSSÍVEL

Onde encontrar livros de teatro em São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

por Patrícia Teles

Ler peças de teatro é um hábito pouco difundido no Brasil e, talvez por isso seja difícil encontrar variedade de textos nas livrarias. Alguns títulos estão esgo-

tados no fornecedor, não são mais publicados ou custam caro nas lojas. Por isso, o sebo é a melhor opção para quem procura preciosidades da dramaturgia nacional e mun-

dial. Além da vantagem de encontrar livros por um preço muito mais acessível, em alguns sebos é possível trocar exemplares, uma boa opção para quem possui livros encalhados em casa.

Para os amantes das tragédias gregas, dramas elisabetanos, teatro épico e das comédias burlescas, e para aqueles que querem se iniciar na leitura de textos de teatro, vale a pena aventurar-se pelas estantes empoeiradas. Ibsen, Goethe, Strindberg, Bertold Brecht, Nelson Rodrigues, Tennessee Williams, Jean Paul Sartre, Sófocles, Molière, Samuel Beckett... A oferta é grande e o

“...há livros em bom estado e por um bom preço...”

charme dos livros antigos é encantador. Principalmente para quem não se importa em encontrar dedicatórias escritas há mais de 40 anos ou páginas amareladas.

Na capital mineira, sem dúvidas o melhor lugar para comprar livros usados é o famoso Edifício Maletta, localizado na Av. Augusto de Lima no Centro de Belo Horizonte. O segundo andar do edifício possui uma variedade

de sebos abarrotados de livros, porém, não há muita opção para quem busca por peças. Ainda assim há livros em bom estado e por um bom preço. No sebo Letra & Música, por apenas R\$8 é possível comprar as As Três Irmãs, um clássico da dramaturgia Russa. Na Livraria Shazam, o vendedor oferece uma escada para que os clientes possam alcançar a seção de teatro, são poucos títulos e custam em torno de 20 reais.

Em São Paulo, próximo à Av. Paulista, estão os melhores sebos da cidade. Dentro da Galeria Le Village na Rua Augusta, está o Sebo Corsarium, onde é possível comprar O Assassinato do Anão do

Carvalho Grande de Plínio Marcos, por 15 reais, em livrarias o mesmo livro não sairia por menos de 30 reais. Salomé de Oscar Wilde e Rei da Vela de Oswald de Andrade, custam 12 reais cada. E os simpáticos vendedores ainda oferecem uma lista com o endereço dos demais sebos da região.

Já no Rio de Janeiro, no Centro da cidade é onde estão os sebos mais tradicionais. Na Academia do Saber, na Av. Senhor dos Passos, os livros de teatro ficam amontoados na última prateleira e, os que não cabem na estante, ficam pelo chão. Há banquinhos espalhados pela loja para facilitar a busca. O sebo



Sebo

Rio de Janeiro - RJ

possui uma boa variedade de livros e bons preços. Já na Zona Sul da cidade, encontram-se os sebos mais charmosos. Vale a pena visitar As Luzes da Cidade, localizado no Cinema Estação de Botafogo e Baratos da Ribeira, em Copacabana.

Também é possível encontrar na internet um bom acervo de textos teatrais. No site da Biblioteca Nacional

(www.bn.br), está disponível para download grátis, entre outros títulos, boa parte da obra do dramaturgo brasileiro, Martins Pena, conhecido por escrever comédias de costume. Na página do Virtual Books (www.virtualbooks.com.br), é disponibilizado gratuitamente textos de Shakespeare em português e de autores nacionais como Arthur Azevedo e França Júnior. – Boa Leitura! ■





A Fábrica de Al Capones

E a criminalização do usuário de drogas.

por Bruno Buhr

A política de criminalização ao usuário de drogas no Brasil é evidentemente prova insofismável de que nosso país é careta, reacionário e preconceituoso. Claro que tais predicados se escondem embaixo do pesado manto de hipocrisia que cobre este país desde os tempos de colônia. É notável a capacidade que nossos governantes têm de copiar modelos falidos de segurança pública, assim como a versão tupiniquim para o modelo de guerra às drogas instituída nos Estados Unidos na década de 70, pelo presidente Nixon, que lavou as ruas de sangue.

Tratar o usuário de drogas como um anexo da pauta de segurança pública ao invés de instituir planos de controle calcados na educação e tratamento pela rede pública de saúde tem uma justificativa simples e límpida: no fim das contas sai mais barato.

No entanto, se a história nos ensina a não repetir os erros cometidos em outros tempos e por outros Estados, povos e governos, pode-se afirmar que não se estuda muito tal matéria mundo afora. Um exemplo relativamente recente aconteceu no mesmo país que instituiu a guerra às



“Nós queremos cerveja”
Passeata nos EUA

drogas na época da contracultura, mesmo tendo uma terrível experiência apenas 5 décadas antes, com a chamada lei seca - não, isso não foi invenção nossa! -, quando a comercialização e conseqüente consumo de álcool foi terminantemente proibido.

A partir disso achou-se que seriam reduzidos os crimes referentes à conduta de agentes sobre o efeito do álcool, em contrapartida e, paradoxalmente, criou-se uma extensa lista de novos crimes; impérios foram erguidos, esco-

rados sobre as firmas pilstras da ilegalidade; o contrabando do líquido entorpecente fez inúmeras vítimas com o objetivo de que o negócio continuasse lucrativo e por baixo dos panos. No fim percebeu-se a asneira e a tal lei foi abolida em 1929.

“Formou-se nos EUA uma verdadeira indústria carcerária...”

Portanto quase 40 anos depois, ao invés de investir em políticas voltadas para o enfrentamento dos problemas relacionados à droga,

como uma questão integrada a outras políticas essenciais ao desencorajamento do uso de drogas, como educação e saúde, o governo de Nixon, em 71, preferiu reduzir o complexo quadro ao simples e pretenso combate armado e ao encarceramento de produtores, distribuidores e usuários. Diz-se pretenso, porque dos alvos fixados somente um foi prioritária e esmagadoramente atingido: a juventude pobre e negra que habitava as periferias metropolitanas, uma vez que essa parcela, presa ou assassinada, representa apenas a espuma, a parte mais frágil e aparente, mas que não compromete a poderosa estrutura que



sustenta o crime organizado. Formou-se nos EUA uma verdadeira indústria carcerária, descobriu-se que construir e manter presídios movimenta a economia e, depois de tal conclusão, a população carcerária nos Esta-

dos Unidos chega a incríveis 2 milhões de pessoas.

Na América latina o paradigma proibicionista importado do governo de Nixon representa um completo desastre: falência do sistema carcerário,

mortes de civis , constante violação dos direitos humanos, desenvolvimento de uma economia paralela que fomenta a ampliação de fortunas ilegais, reforçando o ciclo vicioso que impera. Seguir e copiar modelos e políticas de sucesso de outros países, observar como nações como a Holanda e suíça conseguiram chegar a um ponto estável no que concerne a questão das drogas parece ser uma luz na trilha escura.

Uma aparente e provável solução poderia ser alcançada através da liberação e regulação da venda da cannabis sativa, a maconha por ser uma droga menos nociva à

saúde. Segundo pesquisa realizada pela OMS a maconha é a décima primeira colocada, numa escala das vinte drogas mais nocivas à saúde; o álcool está na quinta posição.

A marcha da maconha que foi execrada por muitos sob o argumento de que a mobilização teria sido nada mais do que um movimento vazio tendo em vista os inúmeros problemas que talvez merecessem mais atenção no país. No entanto, analisando o supracitado pode-se concluir que a marcha da maconha vai além do exercício da liberdade de expressão e traz embutidas exigências que perpassam matérias

referentes ao maior respeito aos direitos humanos e à justiça social.

Assim sendo, se quisermos realmente alcançar outros patamares em termos de sociedade precisamos buscar soluções mais humanistas

e não intervenções reacionárias que visem mascarar o problema, que visem combater o vício ao invés do viciado, que busquem solução para questão das drogas como objetivo de paz e justiça social e não para objeto de campanhas vazias. ■



A SOCIEDADE DO PROTESTO

Rebeldia online, a individualização do sonho.

por Leonardo Alves de Lima



A La Dolce Vita, do cineasta Federico Fellini da moralíssima década de 1950, catapultou toda uma geração à busca de um coletivo que fizesse sentido em meio ao despertar de um sonho fordista e ao pesadelo da vida real. O ambiente inocente do *I Want to Hold Your Hand* logo se transformou no beat de Kerouac, no rock de garagem, no cinema

e teatro de vanguarda como expressões, mais cítricas, em busca de uma resposta alternativa ao consumismo e a esquizofrenia da guerra fria.

A luta pelos direitos civis, a valorização da mulher, a liberalização sexual, Woodstock foram passos decisivos para a construção de uma nova ordem social que definiu a contracultura sob as asas

La Dolce Vita
(Itália e França, 1960)



da revolução tornando-se um modelo, até hoje, não superado do que é agir, revolucionar. Significa olhar para trás, para o que fez aquela geração, pelo sonho de uma sociedade mais humana. A década que não terminou parece ecoar no comportamento jovem de hoje, mas o sonho nem tanto.

A busca de 1960 por um coletivo que conferisse sentido à vida segue em rota de colisão com a procura de hoje, ou seja, por uma individualidade que signifique algo. O caminho é inverso. Como resultado, estamos testemunhando um espírito rebelde que se expressa mais no curtir e

nas mensagens de apoio ou crítica presentes nas redes sociais, tudo feito da poltrona, trono unicefular do individualismo.

O caminho do protesto original possui roteiro pré-definido: é a rebeldia em seu rompimento com o padrão estabelecido, seguido pela convulsão que precede a democracia, como a que ocorre hoje com a ainda incerta 'primavera árabe' mas a falta de um novo modelo relacional tende a levar toda essa massa à nostalgia do que já foi, para o ocidente, o sonho ou a contracultura em si. Isso aparece, por exemplo, em *Fast Food Nation*, do escritor e cineasta

Richard Linklater. Libertam-se as vacas, mas nenhuma deixa o curral, já se adaptaram a ele.

O que já foi nobre vai se ordinarizando, protestar nos nossos dias é cool, dita moda, um evento em si. Seja pela causa verde, contra o consumo, corrupção ou na ocupação do espaço público. Em certos momentos parece ser coisa de profissionais como fazem as belas loiras ucrania-

nas da Femen que já exibiram seus corpos pelas mais diversas causas. O futuro social abre caminhos alternativos na ruptura da própria revolução criando novos modelos onde hoje não existem. É nisso que reside o protesto. Ao invés de vivermos rápido e morreremos jovens, viveremos mais e morreremos cada vez mais velhos, mas a causa permanece, a justiça entre iguais e isso não se alcança da poltrona. ■





Dinossauros

ou apenas fósseis?

por Cadu Senra

Não é novidade que certas bandas e músicos, devido às suas histórias e a qualidade do som que sempre fizeram, pertencem a um patamar de destaque no cenário

musical internacional e, gozam de uma almejada estabilidade na carreira, mantendo números invejáveis de público em seus shows. Um bom exemplo são os chamados “Dinos-

sauros do Rock”, que só pela denominação pré-histórica conseguimos identificar como sendo pertencentes aos primórdios do estilo. Eles são artistas como os Rolling Stones, Aerosmith, Elton John, Guns N’ Roses, que apesar de já terem seus lugares marcados no hall da fama do rock n’ roll, não estão livres da opinião ácida de algumas publicações e de uma parcela do público.

Com o boom do mercado musical, os ases do estilo aproveitam para lançarem suas turnês e projetos, o que pode ser um negócio lucrativo, entretanto arriscado, pois muitos destes artistas são postos à prova

depois de longos períodos recolhidos em suas zonas confortáveis. A recepção destes trabalhos por uma parte dos fãs, que ficaram mais exigentes com o tempo e de uma mídia moderna, mais sensacionalista que nunca, não vêm sendo das mais acaloradas para alguns artistas.

“Existe uma má vontade crônica por uma parte do público...”

O que se tem veiculado é que depois de tanto tempo tocando os mesmo “hits” – que deveriam ser chamados de hinos – alguns artis-

tas acabaram virando simples covers de si mesmos, sendo incapazes de criar algo diferente.

O cantor Mick Jagger, dos Rolling Stones, vive se reinventando. Além de sua presença de palco característica, Jagger acabou de montar um projeto paralelo com a cantora de soul Joss Stone, que vem dando o que falar. Já o Aerosmith, que anunciou um novo álbum para esse ano, faz de tudo para não cair na mesmice. Steven Tyler, líder da banda, já fez até uma cirurgia nas cordas vocais, após reclamações sobre sua voz em apresentações ao vivo. Algo que o cantor Elton John

parece não ligar, pois além de ter uma voz inegavelmente mais grave que em seu auge, não lança material novo há muito tempo.

Mas nada se compara com as reclamações que o polêmico Axl Rose recebeu desde que demitiu todos os integrantes da formação original do Guns N' Roses, para lançar o demorado "Chinese Democracy". O álbum fracassou em venda e crítica e, o que mais impressionou foi a mutação na aparência e na voz de Axl.

Existe, certamente, uma má vontade crônica por uma parte do público do Rock Clássico quanto a mudanças e



inovações de seus ídolos. O que pode ser bom, se o propósito da desconfiança servir para criar um parâmetro para seu próprio crivo. No entanto, a partir do momento em que esses preconceitos nos impedem de enxergar

o novo com olhos que vão além das aparências e expectativas, seria muito bom reavaliarmos nossas verdades. Como o poeta mexicano Octávio Paz costumava dizer: “Vida é pluralidade, morte é uniformidade”. ■



Anabela Serpa, professora e tradutora. Ama gatos, vive na roça e morou no Rio até fins de 2010.

“O Rio não tem mais jeito. O Rio de Janeiro está um perigo! Não aguento mais essa cidade!”

Todo dia ouço essa ladainha e fico imaginando que, se o Rio fosse uma pessoa, processaria todo mundo por injúria, difamação e calúnia (quem nunca ouviu que o Rio é corrupto?). E aí que mora o problema: o Rio não é uma pessoa, uma entidade! É uma limitação territorial, é uma coisa e - até ontem - coisas não entulham trânsito sozinhas, terra não pega arma e mata os outros, pedaço de chão não vota, não some com dinheiro público.

Quem faz essas coisas é o carioca. O residente. Vamos dar às coisas o nome que elas têm, chega de eufemismos e manipulações semânticas para encobrir nossos erros, falhas. O que não tem mais jeito é o carioca, perigoso é o carioca e a gente não aguenta a gente mesmo!

Quem assalta no Rio é um carioca. O que desrespeita as leis de trânsito no Rio? Opa! Um carioca! Os vereadores recebem os votos dos moradores daqui, o prefeito é daqui.

O “ixpérrtu” é tão carioca que se usa a escrita fonética com o sotaque daqui. O prepotente, o ignorante, o fanático, o omissos e toda horda de imbecis que atravanca o desenvolvimento REAL dessa cidade é composta de cariocas – nossos colegas de trabalho, nós mesmos, irmãos, amigos.

A hora em que derem nomes aos bois e às vacas, talvez consigamos sair do brejo. Acredito na máxima da psiquiatria: “O primeiro passo da cura é admitir-se doente.- ou parte do problema, em algum grau.

Personificar, usar eufemismos é uma tática velha, usada pelos canalhas. Faz parte da erística e era combatida pelos gregos como a uma praga assassina, que comeria a democracia, a organização social e poderia acabar com a civilização deles. Não sei bem como, mas por alguma fresta essa desgraça entrou e aí foi-se tudo pras calendas gregas.

Pega um espelho, você aí que está lendo. Olha bem. Você mora no Rio. Você é carioca, é parte do problema e não adianta me dizer que não votou nesse ou naquela , que não tem carro. Não, não. Tente. Comece parando de culpar a terra, deus ou o diabo. Ninguém age em coisa alguma, quem acaba com tudo somos nós. Nós precisamos tomar jeito, nós precisamos deixar de ser um perigo. Nós precisamos rasgar a tela bonita e falsa do jovem perfeito e liberar a feiura. O horror que agora você vê não é nada demais, é só você mesmo. Então, agora é fácil. Mude. Mude o vizinho. Escreva carta, denuncie, melhore o trânsito começando por você. Não mate, não roube. Comece agora.

A terra não tem culpa.

Anabela Serpa

CRASE